A influência do vento no destino dos homens

D. ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA

Achava-me junto á mesa de trabalho a pensar sobre que haveria de traçar umas linhas, para obedecer ás disposições estatutárias do Instituto, pelas quais me era de mistér apresentar, hoje, algum trabalhinho.

Mas, apenas comecei a primeira lauda, um pé de vento me levou a folha de papel. E é assim: é de uma travessura incorrigível o vento, que entra pela minha janela; mas também é a minha riqueza. Aqui, em Fortaleza, quem tiver uma janela voltada para o nascente dê graças a Deus. O menor descuido, no deixar de lado o pêso de papel, recebe punição imediata; mas, apesar de traquinas, não há quem não queira bem á brisa que sopra do levante. Todos querem o afago do vento.

Já que me deixei levar pelo vento, não quero pôr um pêso de papel sobre a minha imaginação. Vou deixá-la correr ao sabor da brisa.

A deslocação das camadas aéreas, em consequência da diversidade de temperatura atmosférica, constitui um dos expedientes (digamos assim) mais práticos da natureza, para nos conseguir a salubridade. Dissipa os miasmas, tempera o ambiente, distribui a humidade do ar, espalha pela terra o benefício das chuvas, etc..

Na botanica, os ventos desempenham indispensável missão. Agitando as arvores, lhes enrijecem as fibras — é a ginástica a robustecer os músculos das plantas. Transportam o pólen de uma flôr para outra. Conduzem as sementes que para isso — várias delas — são munidas de azas ou de verdadeiros paraquedas — como é comum entre as sinantérias.

Onde, porém, o vento desempenha papel de primeiríssima importancia, é na navegação. Ainda hoje, a navegação a vela tem grande aplicação. Que seria das nossas jangadas sem a gasolina gratuita das suas pescarias?

Assim é que se explica uma espécie de culto que os barqueiros da Amazônia têm pelo vento. O barco a vela vai deslisando, *aproveitando a monção*. Subitamente o vento cessa. A vela entra a drapejar: perdeu toda a força. Horas a fio deve, ás vezes, esperar o barqueiro. Começa então com seu assobio característico — está chamando o vento. Invoca a São Lourenço. (Não sei porque consideram São Lourenço padroeiro dos bons

ventos. Lê-se no Martirólogio que Lourenço, levita de heróicas virtudes, foi martirisado a fogo lento, deitado em uma grelha. Ignoro por que razão fazem dele um Eólo cristão).

O canoeiro espera com paciência admirável a volta do vento. Ainda que seja o vento de prôa, contrário portanto á marcha do barco, ele é sempre preferível á calmaria. O piloto *bordejando,* isto é, levando o barco a descrever largo zigue-zague, consegue sempre avançar. A acção do vento de prôa com a resistência da água no leme, dá uma resultante muito obliqua, é verdade, mas o barco avança.

O piloto nunca ouviu falar no paralelogramo das forças, mas sabe tirar a diagonal conveniente — resultante das duas forças concorrentes. Algumas vezes, nos imensos rios da Amazônia, cujas margens são povoadas de florestas, o veleiro corre com bôa marcha nos "estirões", mais ou menos rectilineos. Quando, porém, há uma curva, a floresta marginal intercepta o vento, o barco entra então no que o barqueiro chama "sombra de vento". A expressão é bem adequada. Assim como um anteparo qualquer intercepta a luz e causa a *sombra,* assim o anteparo das árvores intercepta a corrente aérea e produz a *sombra de vento.*

Os tripulantes dos barcos veleiros estão sempre a depender dos ventos. E quantas vezes não lutam contra a violência da refrega!

Na última viagem que fiz, em 1941, em águas amazônicas, conheci mais uma vez qual é o papel do vento na vida dos navegantes. Viajávamos em barco veleiro, ao longo do Canal de Bagre, que fica ao sul da ilha de Marajó. Os ventos não tinham mais a regularidade dos *aliseos,* porque já estávamos pelo fim do verão. O barco corria já bastante adernado em razão do vento norte, a que chamam "ponteiro" que soprava forte. O mastro bastante inclinado sobre a carlinga oscilava muito, porque a lufada era irregular. Um passageiro começou a se impressionar.

Entrou a dar ordens — "Piloto olha a refrega — Mais para a beira — Cuidado, piloto! Dobra o pico. Piloto, mais para a beira!" O piloto, caboclo muito calmo, com o cabo do leme debaixo do braço esquerdo e com a mão direita governando a vela grande, não se afligia. "Não tenha medo; vamos aproveitar a monção. Deixe o *pau correr".* E deu ordem ao prôeiro: "Rapaz não aperreie a bujarrona, pode afrouxar a escota". Mas foi tal o nervosísmo do passageiro que o piloto se aproximou de terra, mais do que convinha, e encalhou em um banco de areia...

Eu me fazia de valente e parecia-me que, em vez de alarmar os companheiros, era preferível confiar na prática do piloto.

Contentei-me com recomendar a Deus — a quem os ventos e os mares obedecem — o êxito da viagem.

Mas deixemos o barco encalhado e continuemos a voar com o vento.

É, muitas vezes, pela actuação constante que os ventos realizam grandes trabalhos mecanicos. Domado pelo homem, canalizado inteligentemente, ele desempenha utilissimas funções. Mesmo solto, digamos, no estado selvagem, ele realiza grandes benefícios. Na Lagôa de Patos, no Rio Grande do Sul, ele serve de poderosa comporta. Soprando constantemente durante algumas horas, ele impede a evasão das águas; estas represadas, crescem de nível e os navios podem passar livremente. Quando o vento cessa, as águas se escoam, o nível baixa e os barcos já não passam, a não ser os de pequeno calado.

Calcule-se a formidável pressão que a imensa lamina liquida da vasta Lagôa exerce contra a corrente aérea que a represa. Dinamica espantosa!

Á constancia dos ventos devemos aqui no Ceará fenômenos também interessantes. Há poucos mêses visitei Paracurú, que demora a beira mar, no Município de Anacetaba. A um quilômetro de Paracurú, existia, há quasi um século, uma povoação chamada Parázinho, que foi elevada a sede de freguezia em 1863. Ali bem perto desemboca no mar o Rio Curú. Junto a risonha povoação, erguiam-se cômoros poéticos a contrastar a sua brancura estática com a irrequietude esmeraldina das ondas que ali iam morrer.

Essas dunas podiam ser poeticas, mas eram ameaçadoras. Eram hostis e cruéis. Pareciam montanhas imóveis mas caminhavam *lento pede*. Talvez por isso mesmo, o Padre João Francisco Nepomuceno Rocha tratou de edificar a Igreja de N. S. dos Remédios a uns mil metros de distancia, onde se situa hoje o Paracurú. Quando ele faleceú, em 1865, deixou pronta a nova Igreja, dotando-a de um patrimônio em terras.

Mas, quem diria que o Parázinho seria totalmente sepultado pela ação imperceptível do vento? Numa constancia incansável, este transporta cada dia uma tênue camada de areia. A persistência do vento!

A duna perde alguns granulos cada dia e o solo, um pouco adiante, no fim de alguns anos, eleva o seu nível de alguns milímetros. E' cousa quase imperceptível, mas é constante. Os dias se sucedem, sucedem-se os anos, e a montanha branca, que parecia imóvel, já não está onde estava. Aquela grande mole afinal foi transportada nas azas subtis da brisa marítima. A povoação do Parázinho ficou por alguns anos supultada; mas agora já se vai descobrindo: é a duna que passa na sua marcha secular tangida pelo vento com seu latego macio como pluma, mas constante como ele só. Se hoje vivesse ainda António Sales, que teve por berço o Parázinho, haveria com certeza de folgar ao saber que o compressor de areia já vai abandonando o seu ninho.

Como é suave a sua elegia alusiva a duna invasora do seu berço:

"A casa onde eu nasci, no Parázinho
Já não existe mais;
Sou no mundo como a ave cujo ninho
Desmancharam os rudes temporais.

Não sómente meu lar, mas toda a aldeia
Pousada á beira mar
Jaz sepultada num lençol de areia.
E ali ninguém jamais há de habitar.

A coorte das dunas instigadas
Pelo vento, investiu,
Tomou de assalto as rústicas moradas
Da pobre gente que, sem lar, fugiu.

Mesmo os grandes coqueiros, cuja fronde
Se erguia a falfalhar,
Sumiram-se e as graúnas não tem onde,
Ao cair do crepúsculo, cantar.

Uma plaga desértica formou-se
Sobre o morto arraial.
Ninguém dirá jamais que aquilo fosse
De uma colmeia d'almas o local.

Ficou-lhe o nome á praia merencórea
Onde infante vivi;
Mas nem o nome ficará na história
De um bardo humilde que naceu ali.

Moacir Jurema foi bom poéta, porém mau profeta. Ao menos, nesses belos versos plangentes, duas vezes profetizou e falharam as duas profécias: a 1.ª: "E ali ninguém jamais ha de habitar"; ora já se habita de novo o Parázinho; a 2.ª: "Mas nem o nome ficará na história de um bardo humilde que nasceu ali". Ora o nome de António Sales nenhuma duna de esquecimento o poderá sepultar.

O que se deu com o Parázinho, mais ou menos se deu no município de Acaraú, com Almofala — nome que nos faz pensar em palácios mouriscos. Mas é só o nome. A povoação sempre foi muito modesta.

Também ai uma grande duna entendeu abrir sua marcha lenta em direção a pacata povoação, crescida á sombra de singéla capelinha. Começou o vento a transportar os grãosinhos de areia. Como é terrivel a actuação constante de uma força por limitada que seja! Todo o santo dia a duna perdia alguns milímetros de sua mole e contra a parêde da capelinha e das casas próximas se contavam mais alguns granulos de areia.

Resultado: correram os anos e a capelinha ficou sepultada. Aquele recinto sagrado, em que tantas vezes os fiéis se reuniram, ficou literalmente cheio de areia. Exteriormente, as paredes e por fim o telhado, tudo desapareceu. Por algum tempo, a cruz ainda campeava no cimo alvacento daquela duna, para dizer aos transeuntes: "Aqui jaz a capela de Almofala". A duna se fez o tumulo da capelinha. Sim, ali os cômoros da praia semelhavam mausoleus de um cemitério de gigantes.

A duna cresceu ainda. Emergia apenas a parte superior da haste maior da cruz.

Recordava então uma das narrativas imaginosas do Barão de Munchhausen, em que ele diz ter-se perdido, uma vez, viajando a cavalo em pleno inverno, pois caira tanta neve que se não viam mais os caminhos. Depois de andar longo tempo subiu a um monte para ver se descortinava alguma povoação. Tudo foi baldado. Caia a noite. Fatigadíssimo, resolveu dormir ali mesmo. Desceu do cavalo e o amarrou pelo brida a uma estaca plantada no alto do monte. Dormiu toda a noite e quando acordou, já era dia velho.

Mas, não pôde identificar o lugar em que se encontrava com o em

que adormecera. Tudo era diferente, por que a neve já se havia derretido. Nem pôde encontrar a sua cavalgadura.

Afinal, viu no alto da igreja próxima, dependurado na torre, a espernear, seu pobre cavalo. Ele mesmo o havia amarrado pela brida no tôpo da cruz.

Mas em Almofala também a cruz veio, por fim, a desaparecer. Se a duna se petrificasse, os seculos vindouros descobririam talvez uma igreja fóssil. Tal, porém, não se dará. A duna-túmulo de Almofala — começou, em seguida, a decrescer. A neve silicosa se foi derretendo, mas com extrema lentidão. Escoaram-se os anos e a capelinha foi emergindo pouco a pouco. Já saiu do seu sepulcro. Foi liberada pelo mesmo vento criminoso que a havia sepultado. E a montanha de areia vai andando, vai andando... Tem os pés pequeninos. Avança muito pouco cada ano, mas o importante é avançar... A constancia!...

Fortiter et suaviter é a máxima da brisa maritima.

Fortiter et suaviter é a grande lição dos agentes calmos mas constantes.

Fortiter et suaviter é o segredo das grandes vitórias na vida.